

## Recensões

Bártolo, Emília (2007). *Formação em contexto de trabalho no ambiente hospitalar*. Lisboa: Climepsi Editores.

### UMA GESTAÇÃO FELIZ

Nove meses foi o tempo em que a autora manteve uma ligação umbilico-intelectual com o seu campo de estudo — o serviço de cuidados intensivos de um hospital pediátrico. Propôs-se gerar conhecimento sobre os processos de formação de médicos e enfermeiros em contexto de trabalho e optou por um dispositivo de investigação naturalista, de um fôlego etnográfico tão sólido como cativante. A solidez vem-lhe da rede teórica que convoca para sustentar as suas opções, mas também, e sobretudo, da transparência com que apresenta as suas ferramentas, tanto de recolha como de análise dos dados. A obra apresenta assim dois interesses distintos, embora paralelos e complementares — o conhecimento que vemos ser construído sobre os processos de formação em contexto de trabalho e a construção e aplicação de um dispositivo de pesquisa que, embora necessariamente único e pessoal, avança com soluções metodológicas bastante enriquecedoras. E se o que se destaca globalmente é a amplitude e coerência na estruturação do dispositivo, numa grelha fina em que nada fica ao acaso, mais convictos ficamos quando nos é revelada a hesitação, a insegurança e a afinação que acompanham o processo: “o que é que registo, como é que lembro das coisas?” (p. 77).

De facto, e como alertam muitos autores, nomeadamente os referenciados pela autora, a pesquisa etnográfica apresenta vários riscos que podem pôr em causa a fiabilidade dos seus resultados, decorrentes do seu perfil tendencialmente pouco estruturado, sobretudo quanto aos métodos de recolha de dados. Mas o risco contrário poderá ser também o da excessiva estruturação prévia,

deixando fugir dados que não encaixem directamente nessa estrutura e inviabilizando descobertas. A autora, por lucidez e provavelmente por intuição, não corre nenhum deles. Prepara-se antes de ir para o terreno e constrói a sua rede, mas não se deixa prender nela. Solta-se, deambula, retira-se... reformula... volta lá — mais segura, porque já não é estranha no contexto externo e também no interno: “Progressivamente (...) avançamos por novos campos (...) porque nos sentimos mais dentro da equipa (...) porque se vão consolidando as aprendizagens do nosso papel de observador” (p. 82).

Nesta progressão fica claro o importante papel das conversas consigo própria, convenientemente registadas no seu “memorando de campo” e traduzidas num auto-questionamento e numa auto-argumentação tão simples quanto exemplares: “Como observar?”; “Onde permanecer?”; “Onde registar?”; “Que postura?”; “Como devo estar vestida?”; “Quais os actores a privilegiar na observação?”.

Neste auto-questionamento são reflectidos os dilemas próprios de um observador participante, consciente da importância fulcral do seu papel na investigação e da interferência decisiva de pequenos gestos na relação social que será determinante na “libertação” dos dados. Mais ainda, sendo a investigadora enfermeira, esta relação torna-se ainda mais complexa e a exigir mais alertas na integração e na formatação do olhar. Se por um lado estas são facilitadas pela proximidade experiencial, por outro lado há que diluir possíveis preconceitos de superioridade do investigador — até porque eles estão inculcados e são captados entre as duas categorias profissionais alvo da pesquisa: “...incomoda-nos que os enfermeiros pensem que queremos vestir-nos como os médicos.” (p. 80); ao mesmo tempo há que despir os próprios “pré-conceitos” construídos pela profissional. Ao incluir-se também como objecto de pesquisa, questionando-se a si própria e dando-nos os dados,

ficamos aptos a segui-la em três dimensões — a dos seus actores, a sua e a nossa.

As técnicas de recolha de dados inicialmente previstas garantiam a preocupação central de aceder às “múltiplas dimensões do objecto de estudo”, bem como a triangulação e, logo, a “cientificidade da pesquisa” (p. 62) — observação participante, entrevistas e análise documental. No entanto, este esforço de cientificidade vai muito mais além na organização e tratamento dos dados. A autora ordena todo o seu *corpus* de análise de forma cronológica e em cinco tipos: o memorando, com dados mais objectivos de contexto; os relatórios de observação, correspondentes a trinta horas de registos; as conversas informais, tanto gravadas como apenas registadas; os diários de actor, que são os registos integrais e na primeira pessoa de uma participação acordada com dois actores; as vinhetas, correspondentes a quatro episódios relevantes com descrições autênticas extraídas dos relatórios; e, finalmente, as seis entrevistas. Também aqui transparece o equilíbrio entre a estruturação e a liberdade criativa que permite uma abordagem etnográfica. As oportunidades surgem e agarram-se — as conversas, os diários, os episódios —, mas ao mesmo tempo diferenciam-se, ganham lugar próprio e adensam o feixe de sentidos que se querem cruzar. No entanto, e a confirmar a relação de confiança estabelecida com os actores e as preocupações não só científicas mas também éticas, a autora explica que nem todos os dados recolhidos foram incluídos no *corpus* de análise; ela retira tudo o que lhe parecia menos objectivo ou sintomático de um maior envolvimento afectivo, bem como tudo o que comprometesse a confidencialidade e o anonimato ou que se referisse a situações mais delicadas ou críticas (pp. 72 a 75). A linha divisória entre o compromisso científico e o compromisso ético nem sempre é fácil de perceber, mas é qualidade a destacar no investigador e é qualidade que também nesse ponto seja transparente.

A análise de conteúdo, sustentada nas orientações dos mais conhecidos teóricos entre nós (Bardin, 1977; Bogdan & Biklen, 1994; Vala, 1986), prossegue nas operações de categorização e definição de unidades de análise, a que é submetido todo o *corpus* seleccionado. É assumida a complexidade deste processo, “de tentativa e erro”, mais uma vez no balançar entre a necessidade de estruturação de sentido e o perigo de forçar os dados a um dado sentido pré-concebido. Não são explicitadas as categorias e sub-categorias de recepção dos dados, mas a organização do texto de análise e interpretação deixa-nos inferi-las e situá-las nos dois eixos identificados nas questões de pesquisa — os percursos e os processos de formação.

Nesta parte final — o ponto de chegada de toda a pesquisa, não podia deixar de se espelhar todo o equilíbrio sustentado de um processo construtivo. Ancora-se na rede teórica mobilizada e explicitada no primeiro

capítulo, e emergindo das estratégias metodológicas explicitadas no segundo, no terceiro capítulo surge-nos o texto interpretativo, colorido com as transcrições das unidades de registo e análise, devidamente identificadas e variadas. Este “colorido” não deve ser entendido como acessório, mas como rico e vívido como se espera de um trabalho etnográfico. Assumidas as palavras como a matéria-prima da construção, elas são também a chave para a reconstrução do sentido, que nós seguimos com interesse e leveza, mesmo que o contexto de partida pareça não nos interessar. Pela sua mão, somos levados para um contexto e para actores que nos são distantes, com uma atitude empática e uma vontade de compreender, com a sensação de estarmos dentro do “filme”.

Sendo claro que foi a natureza metodológica deste trabalho que suscitou o interesse, não será de diminuir o valor da sua contribuição para a compreensão dos processos de formação em contexto de trabalho, não confinada apenas ao ambiente hospitalar.

#### “APRENDI FAZENDO E VENDENDO OUTROS FAZER”

A partir da investigação produzida e que sustenta não só a importância da formação em contexto de trabalho, mas também a diluição entre as fronteiras da educação e da formação, a autora procura desocultar e clarificar as potencialidades formativas de um desses contextos, entrando pelas perspectivas dos actores e pela dinâmica organizacional e procurando identificar estratégias e modos de formação, bem como saberes e competências desenvolvidos. Centra-se nos dois domínios que organiza em “percursos de formação” e “processos de formação”, mas logo nos percursos, que são intencionalmente acelerados para o contexto em estudo, vimos cruzarem-se as questões da formação, quando os actores associam as suas opções aos maiores desafios e exigências que este serviço significa, tanto como ponto de partida e de aprendizagem prática inicial, como ponto de chegada de um percurso que foi alargando e consolidando essas aprendizagens práticas.

Embora não pondo de lado a importância da formação inicial, com preponderância científica e técnica, todos os actores confirmam a determinância da formação no contexto, com o destaque para as competências “relacionais, a autonomia, a criatividade e a responsabilidade” (p. 163).

A autora identifica e selecciona os quatro momentos que considera mais potencialmente formativos, com base na sua riqueza interactiva e em que a dupla natureza do contexto — de produção e formação — mais se evidenciam. Começa por deixar de lado os momentos mais facilmente associados à aprendizagem, como sejam as reuniões ou as acções de formação em serviço,

procurando demonstrar como a “formação em exercício”, definida como a integração da prática e da aprendizagem, ainda que menos valorizada formalmente e até pelos próprios actores, contém o maior potencial. Para o accionar, e prevenir que o saber experiencial cristalice nos próprios actores (p. 31), fica claro o papel do contexto organizacional, promotor da interacção e da reflexão. Neste contexto, “os problemas, dificuldades e novas situações” (p. 141), ou seja, a sua excepcional complexidade, será o íman dessa interacção, o que na teoria organizacional seria formulado como o ponto de convergência de interesses — todos perdem se não se puserem de acordo. Se pensarmos que a complexidade é hoje uma característica da maioria dos contextos de trabalho, podemos questionar-nos sobre os percursos que outros profissionais farão e do como articularão os apelos individualistas com os apelos colectivos.

A gestão participada, com a partilha de decisões e a procura sistemática de soluções (p. 135), é assim apresentada como a potencialidade formativa do contexto, na dupla dimensão individual e organizacional, associada à expressão de “organização aprendente” (p. 155). Mesmo a formação fora de contexto, geralmente de cariz mais técnico, é também ela insuflada na própria organização, não apenas em investimento prático do actor que a recebeu, mas no desdobramento interno dessa formação e na partilha de saberes, prática instituída entre os enfermeiros.

Neste ponto que envia para as identidades profissionais, teoricamente construídas nos contextos de trabalho e ordenadas em torno do campo das práticas — o que a pessoa faz, como vê a profissão e como os outros a vêem (p. 24) — este estudo deixa-nos com outra questão em suspenso, considerando as tendências que se vão afirmando no mundo do trabalho, com a valorização da diferenciação e da autonomia dos e nos contextos organizacionais: como se combinará a identidade profissional com a identidade organizacional? A relação com uma profissão e a relação com um contexto de trabalho? Ser “intensivista” é mais forte do que ser enfermeiro ou médico? Ser professor de uma escola é mais importante do que ser professor? Que alterações poderão surgir na regulação social e profissional?

## O OFÍCIO DE INVESTIGADORA

Apesar de todos os manuais de metodologia e de todas as lições dos mestres, todos os investigadores iniciados experimentam as angústias e inseguranças que todos os recém diplomados experimentam ao entrar no mundo do trabalho. Aprendem fazendo. Mas poucos têm a sorte de aprender vendo os outros fazerem. No mundo académico, que acolhe e se tem confundido com o mundo da investigação, existe uma tradição de fechamento,

de associação do trabalho do investigador a uma prova de esforço e de excepcional capacidade individual para mobilizar e criar conhecimento. Assim, o que é difundido para fora do mundo académico através das publicações de divulgação mais alargada, são os resultados dos estudos, sustentados ou não em teorias existentes ou emergentes. Sobre os meandros dos caminhos que conduziram a esses resultados fica a sombra, e muitas vezes a dúvida, como se tal não fosse decisivo e importante para os leigos ajuizarem sobre esses resultados. O comum no espólio bibliográfico são, pois, as obras de metodologia e as obras de divulgação científica. Este é o aspecto fora do comum que deve reiterar-se nesta obra. Com ela aprende-se como se fez e como se pode fazer. E esta não é uma virtude a praticar apenas nos estudos etnográficos, em que não se quer prescindir da subjectividade, mas apenas objectivá-la; esta deveria ser um requisito para todos os estudos, mesmo para os que manipulam o quantitativo, sabendo nós como eles, e provavelmente sobretudo eles, são propensos a manipulações diversas. Sendo incontornável a subjectividade, deixemos todos os dados para que o público também a exerça com autonomia.

Neste mundo em que se dominam os afectos em nome das racionalidades mais produtivas, sabe bem que alguém pratique o contrário — dominar as racionalidades libertando os afectos produtivos. Há quem afirme que esta é uma qualidade cientificamente feminina...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à teoria e aos Métodos*. Lisboa: Porto Editora.
- VALA, J. (1986). A análise de conteúdo. In Augusto SILVA & José Madureira PINTO (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento, pp. 507-535.

## GRAÇA MARIA JEGUNDO SIMÕES

gjegundo@gmail.com

Professora do 2º ciclo do Ensino Básico. Doutoranda em Ciências da Educação, área de especialização em Administração Educacional (FPCE-UL).

Simões, Graça (2008). Recensão da obra “Formação em contexto de trabalho no ambiente hospitalar”, de Emília Bártolo [2007]. Lisboa: Educa/Ui&dCE. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 05, pp. 101-103.

Consultado em [mês, ano], em: <http://sisifo.fpce.ul.pt>

